



AVENTURA DA ESCRITA

HISTÓRIA DO DESENHO QUE VIROU LETRA

Lia Zatz

ILUSTRAÇÕES: MOA

SUGESTÕES PEDAGÓGICAS
E DE ATIVIDADES

Maria Lúcia de Arruda Aranha
Marisa Rodrigues de Freitas



A AUTORA

Lia Zatz

Licenciada em Filosofia pela Universidade de Paris X – Nanterre e pós-graduada em Ciência Política pela Universidade de São Paulo.

Autora de diversos livros infantis e juvenis e de projetos de incentivo à leitura dirigidos a crianças e jovens de baixa renda.

Prêmio de melhor livro informativo – Fundação Nacional do Livro Infantil e Juvenil – 1992 com *Aventura da escrita* – História do desenho que virou letra, 1ª edição.

A OBRA

Aventura da escrita - História do desenho que virou letra

Com este livro faremos uma viagem fascinante pela história da escrita. Vamos voltar ao tempo em que as pessoas viviam em cavernas e nelas faziam desenhos e pinturas, não se sabe ao certo com que intenção.

Veremos como alguns povos antigos, como os sumérios, egípcios e chineses, foram transformando esses desenhos em sinais e, depois, em diferentes tipos de alfabeto. E também como os suportes usados foram sendo trocados para facilitar a escrita.

Da esquerda para a direita, da direita para a esquerda, de cima para baixo, de baixo para cima, foram surgindo várias formas de escrever. Vamos ver como tudo isso evoluiu e, ainda, como surgiu nosso alfabeto.

Finalmente, vamos compreender a importância de se ter acesso à escrita e a necessidade de se saber ler e entender aquilo que está escrito.

Sem esquecer da importância da tradição oral, o livro mostra que a escrita foi um passo fundamental para a humanidade, não só como forma de registro da sua história mas como possibilidade de ler e interpretar o mundo.

TEMAS ABORDADOS

- O mundo sem a escrita
- Primeiras formas de representação da escrita, como as pinturas das cavernas
- Materiais usados para registros da escrita
- Diferentes povos, diferentes alfabetos
- Direção da escrita
- Importância da escrita para o exercício da cidadania



SUGESTÕES PEDAGÓGICAS

Formando o leitor

Enquanto nos livros de ficção conta-se uma história, as obras de não-ficção ou expositivas visam oferecer informação. Mesmo quando o autor se utiliza de uma pequena história, ela é sempre pretexto para facilitar a compreensão do assunto de determinada área do conhecimento. No entanto, o texto expositivo não se restringe à transmissão de informações. Isso porque, no mundo atual, ocorreu uma incrível mudança com a crescente ampliação do campo do saber e o avanço da tecnologia, sobretudo no setor das comunicações, o que tornou a informação bastante acessível. Por isso mesmo, o leitor precisa ter condições de selecionar essas informações e de lançar sobre elas um olhar crítico, o que só é possível pelo desenvolvimento da autonomia do pensar e do agir.

A formação do leitor autônomo supõe que a informação seja contextualizada: que parta do que é familiar ao aluno e, ao final, retorne à realidade vivida, para que não se reduza a abstrações, mas adquira sentido vital. Assim, o conhecimento deixa de ser uma aventura apenas intelectual, porque se encontra enriquecido por contornos afetivos e valorativos.

Mais ainda, conhecer é um procedimento que vai além do esforço solitário da reflexão, porque se faz também pelo diálogo, pelo confronto de opiniões, que mobiliza cada um na busca de outras explicações possíveis ou na elaboração de novas indagações. Daí a importância de acrescentar às atividades individuais os trabalhos em equipe, os projetos coletivos, as discussões em classe, as assembléias.

Preparando para a cidadania

O conhecimento contextualizado, inserido nas situações vividas, deixa de ser passivo, como acontece com o saber acabado e recebido de fora. De fato, quando o aluno consegue identificar os problemas e conflitos da realidade, tudo o que aprende adquire sentido novo para sua vida e para a comunidade. O saber incorporado ao



vivido é condição importante para a formação integral do aluno porque estimula a atitude crítica e responsável, preparando-o para se tornar um cidadão ativo na sociedade, membro integrante da comunidade e possível agente transformador.

Longe, porém, de imaginarmos uma aula especial para “ensinar valores” aos alunos, estamos propondo que em cada disciplina sejam discutidos os laços indissolúveis entre o conteúdo estudado e os valores humanos. Isso significa que os temas éticos, políticos e estéticos devem ser realçados no processo de apropriação do saber como temas transversais, isto é, como temas que atravessam os diferentes campos do conhecimento. É o que veremos a seguir, a propósito deste livro.

Explorando o texto – Aventura da escrita – História do desenho que virou letra

Neste livro, a autora conta o longo percurso da humanidade na construção da escrita e como nas sociedades agrícolas nem todos aprendiam a ler, inclusive pessoas da elite. Hoje em dia, com o desenvolvimento da indústria, comércio e serviços, principalmente nas áreas de informática e comunicações, é impossível imaginar alguém que não tenha acesso à escrita. No entanto, segundo os dados preliminares do censo de 2000, o Brasil ainda detém alto índice de analfabetismo (13,3% das pessoas de 15 anos ou mais de idade). Além disso, é de 29,4% a taxa de analfabetismo funcional, que se refere àqueles que aprenderam rudimentos de leitura, mas não conseguem compreender a mensagem dos textos.

Esse é um problema sério da educação brasileira, uma vez que, segundo a Constituição de 1988, todos devem frequentar a escola até a 8ª série, o que não vem acontecendo com todas as crianças em idade escolar. Como consequência dessa falha, os analfabetos ou os que lêem mal não conseguem emprego ou têm acesso apenas a trabalhos ocasionais e mal remunerados. A solução estaria em ampliar a oferta de escolas e garantir renda para as famílias mais pobres, a fim de que suas crianças não precisassem trabalhar desde cedo, abandonando a escola. É importante que todos, sem distinção, aprendam a ler de forma refletiva para ter acesso à informação, maneira de se tornarem cidadãos críticos. Só assim poderemos dizer que vivemos de fato em uma democracia.



Com o aperfeiçoamento da escrita, muda a maneira de pensar dos povos, que desenvolvem formas de pensamento mais elaboradas. É interessante discutir como isso acontece também na vida diária: por exemplo, no calor de uma briga, dizemos coisas que às vezes não gostaríamos de ter dito e nem sempre conseguimos ser claros devido à emoção do momento. Já se tivéssemos tempo de escrever uma carta para a pessoa com quem estamos brigando, refletiríamos melhor, conseguindo tornar o texto mais preciso e claro, porque a carta poderia ser escrita e reescrita antes de ser enviada. Daí a importância de exercitarmos a escrita, que exige sempre posicionamento crítico, na tentativa de convencer pela persuasão, pela palavra e não pela violência: eis um exercício de cidadania.

SUGESTÕES DE ATIVIDADES

Lembramos que você não precisa, necessariamente, seguir todas as sugestões apresentadas, podendo selecionar as que são mais adequadas ao tempo disponível e ao interesse dos alunos. Algumas vezes, elas podem funcionar como inspiração para outras propostas, a partir de acontecimentos circunstanciais vividos na comunidade.

Na última página deste suplemento, oferecemos breves pistas para algumas das perguntas formuladas.

A seguir, apresentamos três momentos ou fases em que as atividades se dividem: estimular a classe para a leitura do livro; acompanhar os alunos durante a leitura, dando-lhes subsídios; verificar a compreensão dos conteúdos e sua fixação.

ANTES DA LEITURA

Essa fase tem por função sensibilizar o aluno para a leitura, levando-o a antecipar o conteúdo do texto por meio de hipóteses e a expressar o que já sabe a respeito do tema. É recomendável estimular o manuseio do livro: folheá-lo, observar as ilustrações, consultar o sumário, ler a 4ª capa, indagar sobre o significado do título, identificar a editora e o autor.



1. Como vocês se sentiam quando viam algo escrito e ainda não sabiam ler nem escrever?
2. Como vocês acham que as pessoas se comunicavam quando a escrita ainda não existia?
3. Qual a importância da leitura e da escrita para as pessoas?
4. Vocês conhecem alguém que não saiba ler nem escrever? Será que é fácil viver assim?

DURANTE A LEITURA

Visando ao envolvimento do aluno, são apresentadas algumas questões e oferecidos subsídios para facilitar a leitura e contornar dificuldades, ajudando-o, por exemplo, a identificar a estrutura do texto ou esclarecendo alguma dúvida de vocabulário. Pode-se sugerir que sejam feitos os seguintes sinais a lápis nas margens do livro: (!) se alguma informação constitui novidade; (?) se outra não foi bem compreendida; ou (#) se o aluno não concorda com o autor em algum trecho.

1. De que forma a humanidade começou a construir a história da escrita? (p. 10)
2. Para expressar o que pensamos e sentimos nem sempre precisamos falar ou escrever. De que outras formas podemos nos comunicar? Dêem alguns exemplos. (p. 7)
3. Qual o primeiro passo dado pelas pessoas que viveram em cavernas no caminho da escrita? (p. 17)
4. O material no qual se escreve foi mudando com o tempo. Além de escrever em papel, vocês já escreveram sobre outros materiais ou conhecem essa experiência? Falem a respeito.
5. Será que todos os povos têm um alfabeto próprio?

APÓS A LEITURA

Nessa fase, verifica-se inicialmente, por meio das questões sugeridas, o que o aluno aprendeu, se é capaz de contar o que leu, seja oralmente ou por escrito. Em seguida, a fim de finalizar a contextualização, retoma-se o entrelaçamento entre o assunto estudado e os problemas da vida cotidiana, provocando novas indagações que, muitas vezes, podem extrapolar a abordagem feita no livro.



Nesse momento, poderá ser revisto o item Explorando o texto – Aventura da escrita – História do desenho que virou letra

1. Muita coisa mudou quando o ser humano começou a usar sinais especiais: as letras. Que transformações chamaram mais sua atenção?
2. O papiro transformou-se em um novo registro para a escrita. Como essa planta era transformada em papel? (p. 39)
3. Dêem o nome de algumas línguas que utilizam alfabeto diferente do nosso. (p. 36)
4. Quais as conquistas da humanidade com a invenção da escrita?
5. Hoje em dia, de que maneira podemos registrar nossas mensagens escritas?
6. A partir de que momento os egípcios começaram a simplificar os sinais da escrita? (p. 39)
7. Quem decidiu que os vários alfabetos existentes no mundo teriam a representação que possuem? (p. 37, 43, 44)
8. Por que os desenhos que começaram a ser feitos para controlar rebanhos têm papel importante na história da escrita? (p. 23, 24)
9. Em relação à direção da escrita, qual a diferença entre nossa maneira de escrever e a escrita dos japoneses, por exemplo? (p. 45, 46)
10. Para pesquisar:
 - a) O analfabetismo no Brasil.
 - b) As pinturas nas cavernas.

Atividades interdisciplinares

Português: Construam um código de sinais e troquem mensagens secretas com seus colegas.

Arte: Observem nas páginas 52, 54 e 55 algumas palavras escritas de forma criativa. Em seguida, usem sua criatividade e façam o mesmo com outras palavras.

Geografia: Construam um itinerário dentro de sua cidade e sinalizem com figuras o ponto de partida, os principais pontos ao longo do caminho e o ponto de chegada.

História: Façam uma pesquisa sobre os antigos egípcios: onde e como viviam.



RESPOSTAS PARA ALGUMAS QUESTÕES

As questões sem resposta são as que dependem de posicionamento pessoal do aluno.

Durante a leitura

1. Utilizando marcas, desenhos e sinais.
2. Para nos expressar podemos rir, chorar, beijar, vaiar, aplaudir, abraçar etc.
3. Os desenhos e as pinturas feitos nas paredes das cavernas e nas rochas.

Após a leitura

2. A haste do papiro era cortada em tiras finas, estendidas sobre uma pedra plana e batidas com uma espécie de martelo até formarem uma única folha.
3. Grego, árabe, hebraico, hindi, japonês etc.
6. A partir do uso do papiro como suporte para a escrita.
7. Ninguém decidiu como seriam os alfabetos. As regras foram estabelecidas aos poucos e de formas diferentes para as diversas línguas.
8. Porque era uma maneira de registrar a informação, permitindo que ela não se perdesse.
9. Nós escrevemos na horizontal, da esquerda para a direita e de cima para baixo. Os japoneses escrevem na vertical, de cima para baixo e da direita para a esquerda.